

A arte como hóspede do submundo da Lapa

Exposição organizada pelo grupo Agora reúne 13 artistas nos quartos do terceiro andar do hotel Love's House

Daniela Name

As paredes coloridas e os móveis modestos de cada quarto têm muita história para contar. E foi sem ignorar o passado e a atmosfera boêmia e um tanto decadente do Love's House, hotel encravado no coração da Lapa, que 13 artistas resolveram fazer uma exposição que ocupa o terceiro andar do prédio. Organizada pelo Agora, cuja sede é vizinha ao hotel, a mostra, que tem patrocínio do RioArte e de Furnas, será inaugurada hoje à noite e distribui os participantes — entre eles Tatiana Gribberg, Laura Lima, Raul Mourão, Carla Guagliardi e Fernanda Gomes — pelos quartos.

— Ocupar um lugar como este é muito diferente de instalar uma obra num museu ou numa galeria, cujo espaço é neutro e o diálogo do trabalho acaba se dando com a arquitetura. Aqui, tudo está imantado pela tradição da Lapa — diz Eduardo Coimbra, um dos coordenadores do Agora, que aproveitou o tom de azul do seu quarto e vai apresentar uma instalação em que cobre lâmpadas fluorescentes com uma foto do céu.

O Love's House é um misto de motel e pensão. Sedia os rápidos encontros amorosos da população de baixa renda que frequentava a Lapa e, ao mesmo tempo, é a moradia fixa de senhoras e aposentados. Vai continuar funcionando durante a exposição, o que dá aos artistas a oportunidade de levar seu trabalho para um público pouco acostumado a frequentar o circuito de arte. Foi por saber disso que muitos dos participantes resolveram aproveitar referências do próprio lugar para elaborar suas obras. Caso de João Modé, que

vai retirar as várias camadas de tinta sobrepostas de seu quarto e deixar os resíduos caídos pelo chão. Instalação parecida com a que o artista apresentou em "Orlândia", coletiva que ocupou uma casa em Botafogo no ano passado.

— Como antigamente era um hábito pintar os ambientes com cores, o resultado, além de revelar o acúmulo do tempo, é muito curioso pictoricamente — conta Modé. — Cada vez mais percebo que o que proponho tem muito pouco a ver com as estruturas institucionais, então um projeto como o Love's House é um desafio bastante estimulante. Por isso me propus a trabalhar com a memória impressa naquele lugar.

O espectador pode virar voyeur de si mesmo

Em "Só você", Ricardo Becker também usa uma marca de seu trabalho — os espelhos — para estimular o apetite voyeurístico do público. O quarto ocupado pelo artista tem apenas 2m x 3m e vai comportar apenas um espectador por vez. E ele será obrigado a enfrentar um espremido caminho entre os espelhos e a cama de solteiro, a pia e o armário que compõem a escassa mobília do ambiente.

— O espectador vai ser obrigado a ser voyeur de si mesmo, porque no quarto só há espaço para ele e sua imagem — explica o artista. — Não deixa de ser curioso contemplar a própria imagem num tempo de *reality shows* e coisas do gênero. Não estou preocupado com a janela do outro, e sim com a minha própria janela.

Três artistas — Brígida Baltar, Marcos Chaves e Ricardo Basbaum — e um grupo — o Chelpe Ferro, de Luiz Zerbini e Barrão — que estão na Bienal

de São Paulo, também participam de Love's House. Depois de praticamente destruir um carro na noite de abertura da Bienal, numa performance em que o grupo transformou o veículo numa sucessão de instrumentos musicais, o Chelpe se propõe a divulgar um número telefônico para onde o público vai ligar e deixar mensagens numa secretária. O resultado final do trabalho será uma música feita com o conteúdo dos recados.

Chaves faz um trabalho próximo ao que apresentou no Castelinho do Flamengo, na exposição "Eclético". Olhos fosforescentes serão espalhados pelo quarto, pintado de preto e iluminado com luz negra. O público se sentirá observado ao entrar no ambiente. Brígida Baltar apresenta "Segredos", vídeo que também apela para o lado voyeur do público. Na sala, assiste-se a uma mulher contando o que provavelmente são fatos inconfessáveis para um homem, que reage com uma sucessão de expressões faciais.

— É muito bom estar apresentando um trabalho no Rio durante a Bienal — diz Brígida — Estive com diversos curadores, artistas e críticos em São Paulo e todos prometeram visitar Love's House.

Livia Flores também acha que a mostra pode suprir um certo "vácuo cultural-institucional" que toma conta do Rio durante a Bienal — diz Brígida. A artista apresenta uma série de vídeos da instalação "Cadeia alimentar".

— O conjunto aborda as relações entre quatro termos: capital, fome, trabalho e liberdade, cada filme privilegiando um ou outro assunto — diz ela. — Os filmes se modificam de acordo com a combinação escolhida para o ambiente. ■



OS ARTISTAS QUE estão em Love's House: aproveitamento da atmosfera e da história de cada quarto

Fábio Sexo